



# **Subjetividade, Testemunho e Histórias de Vida: caminhos confluentes para uma prática de comunicação comunitária anticolonial**

Subjectivity, Testimony and Life Stories: confluent paths towards an anti-colonial community communication practice

**Sarah Fontenelle Santos**

Doutora em Estudos da Mídia (UFRN) Professora substituta na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [fontenellesarah@gmail.com](mailto:fontenellesarah@gmail.com)

**Tereza Raquel Arraes Alves Rocha**

Doutoranda em Comunicação (UFC) Email: [raquelparis8@gmail.com](mailto:raquelparis8@gmail.com)

**Kassandra Merielli Lopes Lima**

Doutora em Estudos da Mídia Universidade (UFRN) Email: [kassandramlopes@gmail.com](mailto:kassandramlopes@gmail.com)

**Luan Matheus dos Santos Santana**

Doutorando em Comunicação (UFC) Email: [luammatheus@gmail.com](mailto:luammatheus@gmail.com)



## Resumo

A partir de uma comunicação anticolonial, o projeto "Culturando nos Morros da Mariana" objetiva que a comunidade narre suas próprias histórias, tendo como resultado uma cartilha, além de textos que foram publicados na plataforma de comunicação popular Ocorre Diário. Analisamos seis narrativas extraídas do site, observando elementos como subjetividade (MORAES, 2020), testemunhos (PERES, 2016) e histórias de vida (PINEAU, LE GRAND, 2012). Em uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016; LYCARIÃO, 2021), a metodologia também preservou os modos de ser, onde as narrativas nascem de experiências cotidianas. Entre os saberes comunitários, encontramos caminhos para pensar na contramão da colonialidade.

**Palavras-chave:** Comunicação comunitária. Anticolonialidade. Testemunho. Histórias de vida.

## Abstract

From a practice of anti-colonial communication, the project "Culturando os Morros da Mariana" aims the community tell their own stories, resulting in a primer, besides the texts that were published the platform of folk communication OcorreDiário. We analyze six narratives written by Ilha Grande (PI) inhabitants, concentrated our attention on elements as subjectivity (MORAES, 2020), testimony (PERES, 2016) and histories of life (PINEAU; LE GRAND, 2012). It was done an analysis of content (BARDIN, 2016; LYCARIÃO, 2021), the methodology used considers the ways of being, where the narratives are conceived from daily experiences. We found the knowledge and practices, proposing ways to think a communication that goes against coloniality.

**Keywords:** Community communication; Anticoloniality; Testimony; Histories of life.

*Recebido em: 21/05/2024 e aprovado em: 21/06/2024*

## 1. Introdução

A memória é um lugar-tempo no qual habitamos para sermos parte de um todo, que se emaranha entre subjetividades, individualidades, lembranças, saudades, modos de ser e fazer. Parte a parte, o tecido vai se desenhando e ganhando contornos que nos habitam, sendo individual e coletiva. "Culturando nos Morros da Mariana" é um fazer



comunitário comunicacional, que se apresenta como testemunho do tempo presente, fortalecendo narrativas e modos de vida. Neste trabalho, analisamos os caminhos confluentes dos jovens moradores da Ilha Grande, litoral do Piauí, na construção de uma prática de comunicação comunitária anticolonial.

Nesta prática confluyente e anticolonial observamos a presença de histórias de vida, subjetividade, testemunho e memória, para construção de um fazer comunicacional que parte das experiências e vivências e de escuta à tradição. Com o projeto de comunicação, jornalismo cultural e literário, foi possível colocar em evidência as experiências que dão sentido e força a este território. As oficinas renderam textos que foram publicados na plataforma de comunicação popular e colaborativa OcorreDiário<sup>1</sup> e em uma cartilha. O OcorreDiário é uma associação de comunicação e educação popular, cujas bases buscam estimular o fazer comunicacional de forma coletiva e colaborativa instigando a emancipação pela construção de narrativas insurgentes.

O projeto, que aconteceu em 2020, foi conduzido por Ligia Kloster Apel, comunicadora social, Celiane Damasceno da Silva, turismóloga, e Enaiê Mairê Apel, socióloga e arte-educadora. Neste artigo, analisamos os textos dos/as jovens Aparecida Fernandes da Silva, Islene Cristina Costa Araújo, Ana Maria Freitas da Costa e Samuel Santos da Silva, que foram publicadas no OcorreDiário, em 2021.

Realizamos uma análise de conteúdo que não se limita aos textos. Optamos por um caminho metodológico que se estabelece a partir da relação entre a produção textual e os modos de vida da comunidade, para visualizar os conteúdos como um Modo de Ser comunicação em comunidade, que elabora seus métodos e técnicas comunicativas, fortemente atravessados pelos modos de vida ribeirinho, pelas experiências e pelo cotidiano.

Buscamos enxergar os conteúdos não como produtos, mas como parte dos sujeitos, como propõem Bardin (2016) e Sampaio e Lycarião (2021). Assim, quando falamos em *Modos de Ser*, “estamos falando de produtos jornalísticos construídos a partir de uma

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://ocorrediarario.com/?s=culturando+nos+morros+da+mariana>. Acesso em: 10 mar. 2022.



outra perspectiva, onde as experiências, as demandas comunitárias, as lutas por direitos e dignidade surgem com centralidade no processo” (SANTANA, 2021, p. 84).

## 2. Culturando no Morro da Mariana: comunicação e re-existência

*Eita! Quando me lembro do tempo que era criança; Meu coração enche de Esperança;*

*E minha mente num se cansa, de caçar as lembranças do tempo da minha infância.*

*Ô tempo bom! Tempo que se ‘chuvia’ era uma ruma de culumin na rua.; Eita que alegria, parecia até uma sinfonia; Onde meu coração se enchia de alegria, Celular era de latinha, isso quando tinha.*

*(Celiane Damasceno, Culturando nos Morros da Mariana).*

Antes de ser emancipada de Parnaíba, em 1997, Ilha Grande era conhecida como o povoado Morros da Mariana. Com 9 mil habitantes, o município é parte do Delta do Parnaíba sendo a maior das cinco ilhas criadas a partir do encontro do Rio Parnaíba com o Oceano Atlântico (PIAUI, 2019). É conhecida pelos bordados das rendeiras, caranguejeiros, marisqueiras, abundância de caju, doces e por uma população que guarda histórias e memórias tradicionais das águas. É neste território que o projeto “Culturando nos Morros da Mariana” se debruça, entrançando histórias de vida e a comunicação em um mosaico complexo de experiências, que dão sentido e força ao lugar.

O projeto realizou oficinas de jornalismo literário, bem como sobre as riquezas culturais locais. Destes encontros resultaram a escolha das histórias e personagens a serem narradas: pastorinhas, rendeiras, grupo de quadrilha coração junino, sabores do caju, caranguejeiros, pescadores, parteiras, mezinheiras, marisqueiras, curandeiros/as e a importância das dunas para o território. A exposição do material produzido teve início em junho de 2021, na plataforma OcorreDiário. O coletivo de comunicação entrou como parceiro neste processo, assumindo a tarefa de divulgação e circulação do material.

Resultaram, assim, diferentes formatos como entrevistas, contos, memórias em primeira pessoa, poesia, perfil de personagens locais, reportagens literárias e em uma cartilha digital e impressa. Foram 16 textos produzidos no total, publicados na íntegra na cartilha, dentre as quais sete foram publicadas no portal, dos quais escolhemos analisar



seis. Segundo as idealizadoras, o objetivo do projeto era registrar as expressões e histórias que compõem a identidade cultural do município através do Jornalismo Literário e Cultural.

## 2.1 Morros da Mariana: contar e viver

Neste artigo apreendemos uma perspectiva horizontal do fazer ciência, ao torná-la comum (SODRÉ, 2014), construída em um acesso entre os múltiplos saberes, científicos e populares. Por reconhecer o saber comunicacional moderno colado “ao sistema de produção e distribuição de informações”, Sodré (2014) reivindica uma ciência pós-disciplinar. Diante deste itinerário desenhado pelo autor, refazemos nossa prática científica, apresentando abaixo uma análise das matérias do projeto em questão, em seguida, pontuamos nossa reflexão teórico-metodológica a partir das práticas confluentes, comunicação e anticolonialismo.

a) **“Morros da Mariana: uma história encantada”<sup>2</sup>**, escrita por Islene Cristina Costa Araújo (FIG. 1), é a história que abre as publicações no portal, cuja narrativa é entrançada nas memórias de sua avó, Maria de Fátima, sobre a origem do nome do território. Islene conta a história que ouviu repetidas vezes “os mais velhos contar que há muito tempo atrás uma cobra tinha engolido uma criança (de nome Mariana) às margens do rio do vilarejo. E que seria essa a história que deu origem ao nome do lugar: Morros da Mariana” (OCORREDIÁRIO, 2021).

A história que abre a série “Culturando nos morros da Mariana” não poderia ser mais representativa, pois traz marcas de memória, ancestralidade, territorialidade e um desejo profundo de manter a identidade local por meio das histórias contadas “pelos mais velhos”. Walter Benjamin (1994) aponta que para ser narrador é preciso o ato de ouvir histórias, sobretudo dos mais velhos que partilham suas vidas para outras gerações. O que faz Islene Araújo ao ouvir sua avó, é restaurar o poder da narradora oral, do saber que

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://ocorrediariorio.com/uma-historia-encantada-historia-de-vo-para-neta-abre-a-serie-culturando-nos-morros-da-mariana/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

vem de longe, temporalmente. Instaure-se entre neta e avó os laços da experiência comunicacional necessária para a existência do narrador/a.

De vó para neta, de vizinho para outro, de mãe para filha, de amigo para outro amigo, assim vão se tecendo as histórias de vida, as memórias, lembranças e as identidades culturais, entrelaçando-se a um fazer comunicativo popular e comunitário. A comunicação, que se apresenta, é uma porta que se abre para expansão da criação da comunidade, possibilitando o fortalecimento dos laços, da cultura e do diálogo. Para Peruzzo, “a comunicação popular abre espaços para a transmissão de produtos da cultura e da criatividade presentes na música, na canção, no desenho, na literatura, na poesia” (PERUZZO, 1998, p. 156).



Imagem 1 - Print da Cartilha do Projeto Culturando nos Morros da Mariana.

Fonte - Autoria própria (2022).



A valorização da memória coletiva e das lembranças que perpassam o imaginário dos mais velhos até chegar aos mais novos, na pequena cidade de Ilha Grande (PI), é um reforço para o autorreconhecimento, que leva ao fortalecimento dos laços de pertencimento social. Como afirma Halbwachs (1990), uma pessoa “para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se refere que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

A partir das lembranças coletivas a comunidade resiste em seus modos tradicionais e apresentam sua existência ao mundo, assim, re-existem. Este neologismo, usado pelos movimentos sociais, apresenta vários significados, como a importância do reconhecimento. Resistir, neste caso, contra as estruturas sociais de apagamento é um fazer cotidiano e põe as existências em evidência. Dialogando com Sousa (2021), compreendemos a importância das comunidades tradicionais e originárias marcarem presença na memória coletiva, sejam elas ribeirinhas, quilombolas, pescadores/as, marisqueiras. Para a teórica, quando há ausência das histórias de pessoas negras na memória social, “o afeto produtor de pertencimento é impedido cotidianamente nos atos racistas e silenciamento” (SOUSA, 2021, p. 286).

b) **“Rendeiras: a tecnologia é a nossa inteligência”**<sup>3</sup> é uma entrevista tecida com afetos pelo jovem Samuel Santos da Silva, contando a história das bordadeiras dos Morros, arte e tecnologia que tornaram o lugar famoso. A rendeira Ednalva conta a Samuel, que:

Antigamente tudo era mais difícil. Como as mulheres trabalhavam em casa, não tinham espaço para fazer renda, então as rendeiras mais velhas falaram que era melhor fazer um lugar pras rendeiras se juntarem e facilitar na hora de produzir e vender para os turistas.

Samuel Silva destaca a relação entre passado e presente com a intenção de tornar vivos os saberes e práticas comunitárias e coletivas. Ele também se orgulha da renda de Bilro local por ser famosa: “As rendeiras já ganharam prêmios. Também vestiram muitas

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://ocorrediariorio.com/rendeiras-cenas-cotidianas-trancadas-nos-fios-da-vida/>. Acesso em: 10 mar. 2022.



celebridades, como a primeira-dama de um ex-presidente da República e artistas de novelas”.

O formato escolhido por Samuel para contar as histórias das rendeiras, a entrevista, mostra uma arte de construir comunicação a partir das experiências e vivências de quem está sendo entrevistada. Ednalva tem o protagonismo de sua voz desde uma escuta afetiva do entrevistador, nas idas e vindas vai se faz um rendado dialógico plural. Para Medina (1986), a entrevista é uma técnica de interação social e interpretação informativa e além disso, “pode também servir à pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação” (MEDINA, 1986, p. 8).

Ao narrar a história a partir da experiência, os “culturantes” se firmam não apenas nas memórias, individuais e coletivas, mas também no testemunho. É contando que atualizamos a história, é na repetição que cada variante de experiência se materializa a partir do testemunho. Para Sarlo (2007):

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta do aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, *comum* (SARLO, 2007, p. 24).

Quando os jovens vão em busca de histórias e as narram, desde seu olhar, mas respeitando as diversas variantes, é no corpo e na voz que a presença da memória se firma, portanto, é na corporeidade presente que a narração se faz, não necessariamente no acontecer, mas é testemunho da temporalidade e espacialidade do território narrado, buscando nas lembranças a sua afirmação.

c) Ana Maria Freitas da Costa apresenta o trabalho dos caranguejeiros de Ilha Grande, através do relato do cotidiano de Antônio Júlio Marques Araújo, o Julinho. Intitulada “**Caranguejos, caranguejeiros e suas resistências; Histórias de vida no**





**Delta do Parnaíba**<sup>4</sup>. A jovem comunicadora comunitária que conta essa história é nativa de Ilha Grande (PI) e tem no mangue uma inspiração para sua carreira profissional.

Assim como nas matérias anteriores, o pertencimento social é uma dimensão marcante nessa produção. Nesse processo, conhecemos mais que as histórias de vida do entrevistado, conhecemos um pouco de quem narra essa história, da comunicadora comunitária, que se implica de forma direta no texto. A contadora é testemunha das histórias de vida que se expressam, criando-se uma ponte Eu-Tu e “nesses casos, não há espaço para alguém que conta a história, e isso é um elemento que atrofia a narrativa” (PERES, 2016, p. 97).

Segundo Ana Maria, o caranguejo: “sendo um dos recursos naturais presentes na nossa cidade em abundância”. Mais à frente ela reforça esse sentimento: “Aqui, no Delta do Parnaíba e na nossa Ilha Grande”. O que está posto não é apenas uma outra conjugação verbal (onde o ‘nós’ é inserido no texto e contexto), mas a compreensão de que, como nos propõe Paulo Freire (1987), “a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação”, ou seja, “a palavra é essencialmente diálogo” (FREIRE, 1987, p. 13). É, portanto, pelo diálogo, onde a palavra assume uma dimensão coletiva, se construindo e reconstruindo nas memórias, histórias de vida e afetos do Morro da Mariana.

O testemunho de Antônio Júlio, aqui narrado por meio da técnica da entrevista, constrói e explica, por meio das histórias da vida, o trabalho dos catadores de caranguejo, a importância do crustáceo para a comunidade, para a renda familiar e a biointegração (SANTOS, 2015) em que vivem. É narrando a própria vida, que ele narra o trabalho: “Mas a gente saía daqui era duas horas da manhã, três horas, conforme a hora que a gente acordasse botava o galão no ombro pra ir pra feira pra vender” (OCORREDIÁRIO, 2021).

Ao responder sobre a importância do caranguejo, Antônio Júlio diz: “É um alimento que vem e também foi minha fonte de renda. Ainda hoje, posso dizer que sobrevivo do caranguejo” (OCORREDIÁRIO, 2021). Ele acrescenta: “vamos respeitar pra defender o caranguejo” (ibidem). O que seu Antônio diz, por uma ciência que é orgânica, é que as vidas dos caranguejeiros e dos caranguejos são interdependentes. Para

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://ocorrediariorio.com/caranguejos-o-caranguejeiros-e-suas-resistencia-historias-de-vida-no-delta-do-parnaiba/>. Acesso em: 10 mar. 2020.



Bispo dos Santos (2015) essa relação entre os povos tradicionais e os elementos da natureza “é uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água, o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios” (SANTOS, 2015, p. 94).

d) Aparecida Fernandes da Silva é a comunicadora comunitária que conta a história das parteiras dos Morros da Mariana, no 5º episódio da série, intitulado: **Parteiras tradicionais: Solidariedade, afeto e proteção entre as mulheres da Ilha Grande**<sup>5</sup>. Atravessada pelas memórias de mãe e das moradoras mais velhas da ilha, ela constrói um texto afetivo, que se tece pelo cotidiano da vida em comunidade, pelos modos de vida e pela oralidade.

Dessa forma, a matéria de Aparecida também o sentimento de pertença social na medida em que conta a história por um olhar de dentro, como é possível observar nesse trecho: “Aqui na Ilha, havia muitas parteiras na época que aprendiam com suas mães e avós” (OCORREDIÁRIO, 2021).

Assim, podemos compreender como a ciência popular, ali enraizada nas mãos das parteiras como uma técnica milenar, era partilhada na comunidade, em circularidade. Uma ciência de biointegração (SANTOS, 2015) com os elementos da natureza, como conta Dona Alice: “tirava um pedaço da casca da cana, bem fininho e utilizava para cortar o cordão umbilical” (OCORREDIÁRIO, 2021).

Aparecida narra uma história da qual é testemunha ocular. A comunicadora é uma das 17 filhas de Maria Eunice Fernandes da Silva, também entrevistada, que por sua vez é testemunha e partilha histórias de sua vida. Os lugares de construção do conteúdo comunicacional se misturam, na medida em que um é parte do outro. Isso fica evidente nesse trecho, onde aparecida diz: “As parteiras ajudaram e deu tudo certo para a minha irmã, Maria de Lourdes Fernandes da Silva, nascer” (OCORREDIÁRIO, 2021).

e) “Acho que é por isso que as pessoas da Ilha Grande têm um coração cheio de vida e alegria. Afinal, se tem uma fruta que esse povo gosta é o caju” (OCORREDIÁRIO,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://ocorrediariorio.com/parteiras-tradicionais-solidariedade-afeto-e-protecao-entre-as-mulheres-da-ilha-grande/>. Acesso em: 10 mar. 2022.



2021). É assim que Aparecida Fernandes da Silva (2021), comunicadora popular e moradora da comunidade de Ilha Grande (PI) anuncia aos leitores o lugar de importância que o Caju, fruta característica da Ilha, possui na narrativa **“Caju, cores e sabores: histórias de uma doceira”**<sup>6</sup>.

A fruta é apresentada como o elemento unificador das práticas e afetos das doceiras da comunidade, fonte de nutrição de seus corpos e possibilidade de renda para as mulheres que possuem a ciência de transformar as fibras e sumo do Caju em doces perfumados. À primeira vista, a narrativa pode parecer apenas uma descrição de receitas. Entretanto, se possuímos as lentes afetivas e teóricas adequadas perceberemos que estamos diante de uma narrativa tecida a partir da experiência sociocultural e confluência biointerativa entre os seres e as energias que habitam o território (SANTOS, 2015).

E assim, o que se apresenta é um texto onde a comunicadora desloca o privilégio do protagonismo humano ao recentrá-lo nas pluralidades de seres que habitam o território, liberando o agir comunicacional “das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas” (SODRÉ, 2006, p. 12). Ao abarcar a diversidade das naturezas das trocas e, principalmente, os poderosos dispositivos do afeto (SODRÉ, 2006) temos diante de nós uma narrativa que escapa do binarismo *humano x natureza* que se produziu ao longo de todo processo de colonização (DUSSEL, 2005; QUIJANO, 2005).

“O caju também é utilizado pra alimentar animais como ovelhas, cabras, vaca, boi, porcos. Patos e galinhas também comem essa fruta”, assim Aparecida vai preenchendo nosso horizonte imagético, informando que os humanos (KRENAK, 2019) são apenas uma das muitas manifestações de vida que animam sua comunidade, traduzindo a linguagem dessas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo sua visão de mundo” (KRENAK, 2019, p. 28).

Nessa relação de confluência multiespécies, somos apresentados a vozes de seres que não se dobras um ao outro, mas produzem vínculos afetivos que animam um fazer comunicacional em que “o afeto e a tatilidade se sobrepõem à pura e simples circulação de conteúdos” (SODRÉ, 2006, p. 13). Estamos diante de uma produção que rompe com

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://ocorrediariorio.com/caju-cores-e-sabores-historias-de-uma-doceira/>. Acesso em: 10 mar. 2022.



a linearidade, objetividade, economicismo e racionalidade, que conformaram e conformam o que compreendemos por Comunicação (VILLANUEVA, 2018).

g) “**As pastorinhas de Ilha Grande do Piauí**”<sup>7</sup> é uma história contada por Celine Silva, a partir dos relatos dos que já não estão mais aqui, mas permanecem dentro das memórias dos vivos. As pastorinhas são um grupo de dança que remonta às festas dos reis magos. Para Celine a manifestação cultural em questão marca a diversidade dos modos de vida e “contribuem com o fortalecimento da identidade da população” (OCORREDIÁRIO, 2021).

A tecitura costura os relatos evidenciando os afetos que mobilizam as/os participantes do grupo das pastorinhas. Entrevistado por Celine, Mario Lúcio, recebeu a tradição de sua mãe, que por sua vez recebeu de sua matriarca. Apesar de receoso da brincadeira não ser levada adiante, ele afirma: “Eu tenho muito orgulho em saber que em nosso bairro Baixão tem uma brincadeira tão bonita e tão saudável, que representa nossa comunidade, que atravessou gerações e chegou até mim [...] vamos resistir com nossa alegria. A alegria das pastorinhas” (OCORREDIÁRIO, 2021).

Esse esforço de reatualização a partir da ótica de quem foi e continua sendo subalternizada/o, parte aqui da intenção de reinserir as histórias, representações e deturpações locais em um contexto regional e global mais amplo (SANTOS, 2013) e torna evidente os regimes epistemológicos que produziram a Comunicação ocidental. Serão esses regimes epistemológicos que produzirão uma série de práticas discursivas que institucionalizaram populações como as narradas por Celine como o Outro atrasado, objeto de consumo, aviltamento e riso.

De outro lado, a comunidade apresentar outras estratégias comunicativas. “Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação” (PERUZZO, 2008, S/P). Assim, a comunicação que emerge da comunidade quebra o monopólio

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://ocorrediariorio.com/as-pastorinhas-de-ilha-grande-do-piaui-manifestacao-cultural-e-tradicao/>. Acesso em: 10 mar. 2022.



técnico, acadêmico e simbólico e produz uma nova paisagem cognitiva no campo de disputa midiático ao inserir renovados olhares, sentidos e formas de estar no mundo.

Ou seja, uma fissura epistêmica que rompe ou desloca o eixo da produção de saber do princípio organizador da matriz colonial de poder ao “construir formas outras de ser y de pensar en y con el mundo” (WALSH, 2014, S/P). Assim, pensar a partir do decolonial é aprender “a pensar con y desde construcciones, creaciones y prácticas insurgentes que trabajan fuera, en los bordes y los márgenes, así como adentro, abriendo y ensanchando las grietas y fisuras decoloniales” (WALSH, 2014, S/P). Para Mignolo (2014, S/P), a opção decolonial é uma desvinculação com a colonialidade e está ligado à “projetos e processos de reexistência e ressurgimento de todos os signos de viver em plenitude e harmonia que a colonialidade reprimiu”.

O ressurgimento de novas expressividades do viver, o gesto que refaz as alteridades apagadas pela colonialidade amplia-se ainda mais quando nos debruçamos nas análises que vinculam a Comunicação como um exercício de direito humano e garantia da cidadania tendo a produção e circulação no centro do debate, pois posiciona politicamente a comunicação na inter-relação e interesse das sujeitas e sujeitos subalternizados, revelando seus desejos e pertencimento.

### **3. Práticas confluentes: subjetividades, testemunhos e histórias de vida**

Trazer a comunidade para um movimento de contar suas próprias histórias de vida e elaborar suas narrativas aproxima as produções aqui analisadas do que autores como Perruzo (2009), Reyes-Matta (2017) e Kaplun (1985) denominaram de comunicação popular, alternativa ou comunitária. Esse é um modo de fazer comunicação que se contrapõe ao modo colonialista e se coloca em um lugar de alteração do *status quo*, das injustiças e desigualdades sociais. Nas palavras de Perruzo (2009, p. 134) é “favorecer a auto emancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural” (ibidem).



As narrativas aqui contadas nos trazem dimensões que não partem necessariamente dos saberes técnicos ou acadêmicos (que para Bispo dos Santos são saberes sintéticos), mas que tem seu ponto de origem (ou de encruzilhada) em saberes orgânicos (SANTOS, 2015), ou seja, naquele conhecimento que é compartilhado e produzido a partir das experiências concretas, comunitárias, coletivas.

Assim, com base nas práticas comunicativas/comunitárias analisadas, aportamos três dimensões que, para nós, emergem como caminhos possíveis para uma prática de comunicação insurgente e anticolonial (CUSICANQUI, 2019), a saber:

a) Subjetividade

Quando Islene Cristina busca, nas memórias e no diálogo com a avó, Dona Maria de Fátima, o caminho para explicar a origem no nome da comunidade onde vivem, ela constrói um produto comunicacional que se posiciona no mundo desde sua origem e que nega a neutralidade com critério objetivo. Da mesma forma, quando Samuel busca nos afetos construir uma narrativa a partir da escuta sensível aos mais velhos, se colocando lado a lado de Dona Ednalda Maria, ele se desarma para construir horizontalmente um caminho comum acerca dos fatos e acontecimentos narrados.

Partir das vivências dos comunicadores implica trazer a subjetividade e romper com os critérios objetivos produzidos pela colonialidade, impostos ao jornalismo. Sobre o tema, Jorge Ijuim, Herma Suijkerbuijk e Laureane Schimidt (2008) fazem os seguintes questionamentos:

Dessa forma, como pode o comunicador construir narrativas se contar somente com fatores objetivos, uma razão empobrecida pela supremacia da técnica e da eficiência? Como pode o repórter “dar o fato” sem compreender os nexos de uma realidade complexa? Como pode este jornalista narrar as ações humanas se não estiver sensível e solidário às dores universais? (IJUIM; SUIJKERBUIJK; SCHIMIDT, 2008, p. 140).

Assim, a subjetividade é incorporada nos fazeres comunicacionais não apenas como aspectos pessoais e internos dos sujeitos que contam as histórias, mas sobretudo, como um aspecto histórico, social e coletivo, capaz de proporcionar uma melhor compreensão da realidade narrada. Como nos propõe Fabiana Moraes (2020, S/P) “O jornalismo de subjetividade é uma ferramenta, uma prática, um movimento de



autorreflexão, um caminho para deixarmos de lado, como jornalistas, uma cultura predatória sobre o mundo”.

É esse modo de fazer que nega determinados paradigmas, constrói outros valores-notícia e rompe com as hierarquias racistas, machistas, LGBTfóbicas, sexistas e, em primeira instância, colonialista do modo de fazer hegemônico.

#### b) Testemunho

Testemunhar para filosofia é a ação na qual se atesta, na dimensão exterior, o homem/mulher interior, a sua convicção e a sua fé (PORTOCARRERO, 2020). Concordamos com Ana Cláudia Peres (2016), ao pensar os espaços de produção de conteúdos na comunicação como uma modalidade de testemunho, o que significa ampliar as possibilidades de uma narrativa que não está em busca de uma suposta verdade absoluta e que apenas tangencia uma experiência à medida que parte de um evento narrado (PERES, 2016, p. 94).

Ou seja, é um modo de incorporar o testemunho não apenas como a fala de uma fonte ou coma a narração de uma história a ser contada, mas perceber que os testemunhos encruzilhados nas narrativas comunitárias geram outros testemunhos que, somados, ampliam nossa percepção frente aos acontecimentos e casos narrados. É dessa forma que podemos perceber, a partir da matéria de Ana Maria (OCORREDIÁRIO, 2021), que o caranguejo do Morro da Mariana não move apenas a vida dos antigos caranguejeiros, como seu Antônio Júlio, mas movem os sonhos dos jovens moradores, que se inspiram neles para construir seus caminhos e jornadas.

Logo, o texto de Ana não seria também um testemunho, na medida em que incorpora elementos concretos da vida de quem narra e da história de vida narrada? Acreditamos que sim e estendemos sobre como o testemunho atua na (re)construção da realidade:

Por esse raciocínio, os vestígios para a reconstituição desse real estão nas falas dos entrevistados (ou testemunhos) que nos chegam pela narrativa. E essa narrativa pode ou não prescindir dos códigos da linguagem jornalística tradicional para contar a experiência do outro. Ou seja, nas narrativas jornalísticas legitimadas pelo discurso hegemônico, o Outro é um terceiro:



“Fulano disse”, “Sicrano declarou”, é aquele que apenas “conta”, “diz”, “explica”. Nesses casos, não há espaço para alguém que conta a história, e isso é um elemento que atrofia a narrativa (PERES, 2016, p. 97).

Logo, entrevistadores e entrevistados são testemunhas de uma mesma história de modos distintos, contribuindo para reconstruir narrativas e memórias apagadas pelo poder hegemônico colonial. Assim, o entrevistador é quem faz as perguntas, mas também é “aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Cabe ainda pensarmos, a partir dos testemunhos, nas narrativas do Morro da Mariana como uma prática social, em que entrevistados e entrevistadores, aqueles que partilham do mesmo espaço e tempo, constroem coletivamente suas vidas diante destas mesmas narrativas. Motta (2013), afirma que “nossas vidas são nossas narrativas. Melhor dizendo, nossas narrativas tecem nossas vidas” (MOTTA, 2013, p. 18).

### c) Histórias de Vida

Corroboramos com Pineau e Le Grand (2012) ao situar as histórias de vida para além do espaço das grafias e estendendo para outros formatos, como a Internet.

A história de vida, aqui definida como busca e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, envolve um processo de expressão da experiência. Na sua especificidade, essa definição alarga triplamente o território das ‘escritas do eu’: primeiramente, fora do espaço da grafia, não se restringindo aos meios escritos (biografia, autobiografia, diário, memórias), mas integrando a elas a fala, ou seja, a dimensão da comunicação oral da vida. Essa definição também abre essas escritas do eu a outras mídias – fotografia, teatro, rádio, vídeo, cinema, televisão, Internet –, cuja utilização atual multiplica as possibilidades naturais de expressão (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 16).

A série de reportagens “Culturando nos Morros da Mariana”, escrita pela comunidade, conta histórias de vida da comunidade. No texto sobre as parteiras, Aparecida Fernandes da Silva, cuja mãe teve dois filhos nascidos pelas mãos destas obstetizas, declara o interesse em escrever sobre o assunto. Aparecida afirma “sempre quis escrever as histórias que sei, porque fazem parte da minha vida” (OCORREDIÁRIO, 2021).





Estamos falando de uma experiência traduzida na vida que é contada e parida por mulheres. Assim, as lembranças da mãe de Aparecida integram uma história, que passa do singular para o plural.

Aqui na Ilha, havia muitas parteiras na época que aprendiam com suas mães e avós. Tinha, pelo menos, uma em cada bairro. Algumas de quem minha mãe lembra são a dona Belia e Maria Bernarda, no bairro Cal; Maria Barra Grande e Raimunda Seba, no Tatus; dona Brozina no Baixão e aqui no Morros da Mariana eram a dona Benta, Fina Libanha e a Lucélia Reis (OCORREDIÁRIO, 2021).

É válido retomar Benjamin (1970) sobre experiência.

A substituição da narrativa mais antiga pela informação, da informação pela sensação reflete a crescente atrofia da experiência. Há, por outro lado, um grande contraste entre todas essas formas e a história, uma das mais antigas formas de comunicação. O objetivo da história não é comunicar um acontecimento per se, propósito da informação; ela, antes, o incrusta na vida do contador de história, a fim de passá-lo adiante como experiência para os ouvintes. Ela, portanto, traz as marcas do contador de história, assim como o vaso de barro traz as marcas da mão do oleiro (BENJAMIN, 1970, p. 161 *apud* SILVERSTONE, 2011, p. 80).

Consideramos, então, uma história de vida, que é experiência, não só em uma elaboração teórica, mas em uma constituição prática, quando é a comunidade que narra a comunidade, fazendo desse movimento de partida e chegada muito mais do que cíclico, antes de tudo decolonial, permitindo amplificar uma voz que não se cala, vive, pari e narra as suas próprias vidas.

#### 4. (In)conclusões: fazeres anticoloniais na comunicação comunitária

Pela interpretação de Silvia Rivera Cusicanqui (2019), pensar processos sociais que se contrapõe ao sistema-mundo moderno colonial exige uma agenda prática de intervenção e ação. Essa agenda, todavia, não é algo novo, pelo contrário, é parte do processo de resistência que há tempos vem sendo desempenhado pelos povos originários e escravizados. O decolonial para ela é uma interpretação dessas lutas, o pós-colonial é um sonho e o anticolonial uma luta no presente. Neste artigo, reconhecemos as múltiplas



dimensões confluentes e transfluentes destas perspectivas teórico-práticas e propomos uma articulação anti, de e contracolonial.

Ao contrário da racionalidade moderna, as narrativas testemunhais dos “Morros da Mariana” não buscam verdades absolutas impostas através da tecnocracia da estética comunicacional vigente, mas busca fortalecer modos de ser e viver comunitariamente em um território regido pelos tempos cíclicos das águas, do mangue, da vegetação, dos caranguejos, mariscos e rendas. São histórias-parideiras que vislumbram existências que bailam fazendo par com passado e presente. A comunicação anticolonial cria suas próprias rotas para anunciar e enunciar a força do lugar, enaltecendo suas marcas, características, ao tempo em que fortalece as ontologias e epistemologias comunitárias, que são festejados e repetidos de avó para neta, de mãe para filha, de avó para neto e de vizinho para vizinho.

Destacamos que os textos analisados apresentam uma predominância no formato entrevista, o que revela a escolha por uma técnica que permite o diálogo e a fluidez da conversa. São diálogos que se firmam na escuta e interação, ensaiando a democratização da informação. Assim, nascem os testemunhos (de si e do outro), as histórias de vida da comunidade e a reconstrução das suas memórias, em um movimento circular de re-existência, costuradas por um fazer mergulhado nas subjetividades, testemunhos e histórias de vida. São estratégias comunicativas que buscam libertar as potências emancipatórias, dialógicas e anticoloniais, na medida em que restabelece o protagonismo da fala à sujeitos historicamente subalternizados e excluídos dos processos sociais.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DUSSEL, Enrique (2000). "Europa, modernidad y eurocentrismo", em LANDER, Edgardo (coord.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso



IJUIM, Jorge Kanehide; SUIJKERBUIJK, Herma Aafke; SCHIMIDT, Laureane de Queiroz. **Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo.** Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 5, n. 1, 2008, p. 137-148.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular.** Colección Intiyan, Ediciones CIESPAL, Quito, Equador: 1985.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORAES, Fabiana. Fabiana Moraes: “Toda prática jornalística é posicionada e ideológica”. [Entrevista concedida a *Dairan Paul*]. **Objethos** - observatório da ética jornalística, maio de 2020. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2020/05/19/fabiana-moraes-toda-pratica-jornalistica-e-posicionada-e-ideologica/>, Acesso em: 04 mar. 2022.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

MIGNOLO, Walter. **Looking for the Meaning of “Decolonial Gesture”.** E-misférica: v. 11, n.1, 2014. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/emisferica--111-decolonial-gesture/mignolo> Acesso em: 22 out. 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa.** Brasília: Editora UnB, 2013.

PERUZZO, Cicilia. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** Galáxia, n. 17, jun. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor.** Recibido: 06/06/08, Aceptado: 03/12/08. Disponível em: <https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERES, A. C. **Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas.** n. 31. São Paulo: Galaxia (São Paulo, Online), abr. 2016, p. 92-104.



PORTOCARRERO, Maria Luisa. **Testemunho e interpretação na filosofia de P. Ricoeur**. v. 29, n. 57. Coimbra: Revista Filosófica de Coimbra, 2020.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **Histórias de vida**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passegi. Natal: EDUFRN, 2012.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado - Cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues. **Vivências constituintes: sujeitos desconstitucionalizados**. Teresina: Avant Gard, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013, 1,9 Mb; epub.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política** / Muniz Sodré. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

REYES-MATTA, F. La comunicación transnacional y la respuesta alternativa. En: M. Simpson (Ed.). *Comunicación Alternativa y Cambio social*. Tomo I, América Latina, 1989. 2.ed., México: Premia Editora. (apud. Lemus-Poll, M.C. La comunicación alternativa en la era digital. *Procesos, prácticas y actores en el contexto de los jóvenes mexicanos*. Universidad Nacional Autónoma e México. Ciudad de México, diciembre de 2017).

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas desde las grietas decoloniales. **E-misférica**, vol. 11, n.1, 2014. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/e-misferica-111-gesto->